



EDITORIAL

Após a paragem habitual das actividades no mês de agosto, retoma-se a publicação mensal da Newsletter da Fundação Jorge Álvares com a presente edição do mês de setembro de 2024.

Esta edição é dedicada aos 130 anos da abertura do Liceu de Macau que teve lugar em 1893, e que foi um dos mais importantes marcos em Macau da difusão da língua e da cultura portuguesa.

Por lá passaram gerações e gerações de macaenses, de filhos de portugueses cujos pais estavam destacados em Macau e também de chineses. Em 1999 surge a Escola Portuguesa de Macau a herdeira dos dois mais antigos e prestigiados estabelecimentos de ensino de português, o Liceu de Macau e a Escola Comercial Pedro Nolasco.

Assim incluímos nesta edição depoimentos de antigos alunos do Liceu de Macau sobre as suas memórias e a importância que este estabelecimento de ensino teve na sua formação. Agradecemos a colaboração da Dra. Rita Lobo da Conceição Madaleno, curadora da Fundação Jorge Álvares, do criativo multidisciplinar António Conceição Júnior, filho de um dos mais prestigiosos reitores do Liceu de Macau e da Dra. Deolinda Salvado Conceição, professora da mesma instituição, e do Jornalista João Botas criador do Blogue Macau Antigo e do Grupo no Facebook dedicado aos Antigos Alunos do Liceu de Macau e também autor do livro *Liceu de Macau 1893-1999*.

Um agradecimento muito especial ao Prof. António Aresta pelo excelente artigo de opinião sobre o Liceu de Macau, a sua história e papel que desempenhou na formação dos jovens e às referências ao seu excelente corpo docente, incluído nesta edição.

Conseguimos finalmente incluir na Biblioteca Digital da Fundação Jorge Álvares os três livros das escritoras Ana Magalhães e Isabel Alçada, patrocinados pela Fundação e destinados a um público juvenil, estando assim aberto o seu acesso livre.

Também dois livros recentemente patrocinados pela Fundação Jorge Álvares editados pela ORIK - Associação de Defesa do Património de Ourique são divulgados nesta edição. Uma das obras da autoria de Joaquim Falcão Lima - *Sonho de Voar* - que se enquadra nas comemorações do centenário da travessia Portugal-Macau. A outra publicação sob o título *Parecer e Ser - Excursus Vital de D. Antonio Paes Godinho, Bispo de Nanquim*, da autoria de José Falcão.

Iremos assinar proximamente o Protocolo com Centro Científico e Cultural de Macau tendo em vista a concretização do projecto da Galeria dos Governadores que será alojado naquele Centro, patrocinado pela Fundação e que esperamos seja aberto ao público até ao final do ano.

Maria Celeste Hagatong
Presidente da Fundação Jorge Álvares

NOTÍCIAS E DESTAQUES

Nos 130 anos da inauguração do Liceu de Macau

Criado em 1893, por Carta de Lei com a assinatura do Rei D. Carlos e inaugurado em setembro do ano seguinte ao tempo do governador Horta e Costa, o Liceu de Macau, exemplo mais acabado e de sucesso dos estabelecimentos de ensino oficial português no Oriente, viu por ele passar várias gerações de alunos, maioritariamente macaenses mas também filhos de pais da metrópole destacados para Macau em serviço público ou por motivos de outra índole. Funcionou sem interrupções até 1999, ano da transferência da administração portuguesa de Macau para a República Popular da China, após a entrada em funcionamento, no ano anterior, da atual Escola Portuguesa de Macau.

Durante os seus 130 anos de funcionamento o Liceu de Macau funcionou em diversos locais, desde o Convento de Santo Agostinho, as primeiras instalações, ao último edifício, construído para o efeito nos Aterros do Porto Exterior, inaugurado em 1986, com a assinatura do arquiteto português Tomás Taveira.

Nele estudaram ilustres personalidades da vida pública de Macau e de Portugal, e nele ensinaram inúmeras figuras de vulto da cultura nacional.

Muitas informações relevantes são descritas e podem ser relembradas no artigo de Opinião da newsletter, da autoria de António Aresta, investigador e autor de diversos artigos e edições sobre a cultura e história de Macau, bem como através dos depoimentos de três antigos alunos do Liceu – Rita Lobo da Conceição Madaleno, António Conceição Júnior e João Botas, que se seguem.

Dado o interesse que seguramente suscitará entre os intervenientes e participantes da história deste carismático estabelecimento de ensino – professores, alunos, funcionários, etc. –, e seus descendentes, retomaremos o tema nas próximas newsletters, onde contamos incluir depoimentos de alguns professores do último período do seu funcionamento.

Ex-libris da Biblioteca * (desenho de João Siu, aluno, 1936) e imagem do último edifício do Liceu de Macau (1986 – Arq.º Tomás Taveira):



* Artigo de António Aresta (Blogue Macau Antigo / JTM, setembro de 2013)

Depoimentos de três antigos alunos



Rita Lobo da Conceição Madaleno, licenciada em Economia, tendo desenvolvido a sua carreira profissional no Instituto Nacional de Estatística (INE), onde desempenhou cargos de direção em inúmeras áreas, para além de Secretária do Conselho Superior de Estatística; membro do Conselho de Curadores da Fundação Jorge Álvares e da Fundação do Santo Nome de Deus; membro da Comissão de Fiscalização da Fundação D. Belchior Carneiro.

Frequentei o Liceu Nacional Infante D. Henrique do 1º ao 7º ano (1959-1966).

Recordo com saudade os bons professores, as aulas, os colegas e amigos com quem criei laços de amizade que permanecem até aos dias de hoje.

Uma das minhas melhores amigas era e ainda é a Anabela Xavier Ritchie, com quem partilhei a carteira nas salas de aula durante alguns anos. O Alfredo Ritchie, com quem ela se casou, também era nosso colega e amigo. Curiosamente, o Nicolau Xavier, irmão da Anabela, é casado com a Flávia da Silva, minha colega e amiga de infância desde os bancos da Escola Primária Oficial Pedro Nolasco da Silva.

Com a Maria de Fátima Santos Ferreira estudei algumas disciplinas. E com a sua irmã Maria João Santos Ferreira, brincávamos e divertíamos-nos dentro e fora do Liceu, porque morávamos próximo umas das outras e as nossas famílias eram amigas.

No Liceu, além do programa de estudos, tínhamos atividades extracurriculares – alguns desportos (natação, ténis, hóquei...) e também aulas de costura/bordados e culinária (ainda tenho uma toalha bordada e algumas receitas desse tempo).

No Pátio das Raparigas, à entrada do Liceu, jogávamos à “Bola venenosa” ou ao “Jogo do Mata” nos intervalos das aulas ou durante os “chop”, folgas quando os professores faltavam.

Partilhava as refeições com as minhas amigas na Cantina do Liceu, onde era servido o “chamin” em pratinhos e sandes de pãezinhos de leite.

As festas de Carnaval no Ginásio do Liceu eram muito animadas. Eu e os meus amigos íamos mascarados. Lembro-me bem das pequenas peças de teatro onde alguns colegas e amigos tentavam imitar os professores à perfeição...alguns professores tinham *fair play* e não levavam a mal, mas outros professores não gostavam nada dessas brincadeiras. Nestas festas havia sempre bailes (“parties”) onde se dançava ao som da boa música dos anos 60 – Elvis, Cliff Richard, Bee Gees...e também de bandas musicais formadas por amigos do Liceu e da Escola Comercial.

Alguns amigos do Liceu e da Escola Comercial atuavam num Grupo de folclore regional, fundado pela Dra. Maria Suzete Ribeiro. Este grupo era o único em todo o Oriente e exibia danças folclóricas portuguesas em Macau e também em Hong Kong.

Quando chegávamos ao nosso 7º ano do Liceu, organizávamos com todo o entusiasmo a nossa Viagem de Finalistas, com destino único e obrigatório a Hong Kong...

Foi no Liceu que obtive as bases sólidas de conhecimento que me permitiram prosseguir os estudos de Economia em Portugal, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (atual ISEG) e por isso estou muito grata ao Liceu e aos meus professores.

Os meus tempos de juventude em Macau foram um período muito feliz e inesquecível da minha vida!



António Conceição Júnior foi conservador do Museu Luís de Camões, director dos Serviços Recreativos e Culturais do Leal Senado de Macau, criativo multidisciplinar e autor de três livros e sete álbuns de fotografia.

Escrever sobre o Liceu de Macau, criado em 1893 e inaugurado em 1984, às portas do século XX, obriga a revisitar as suas origens e a encontrar na sua génese a sua força para o futuro. Assim, entre os seus primeiros professores consta uma plêiade de nomes como Camilo Pessanha, Manuel da Silva Mendes, José Vicente Jorge ou Borges Delgado, entre outros. Estes homens criaram um verdadeiro discipulado que iria, na segunda metade dos anos de 1940, enriquecer um dos mais importantes jornais de Macau, o “Notícias de Macau”.

Entre os discípulos destes mestres contaram-se minha Mãe, Deolinda Salvado da Conceição, meu Pai, António Maria da Conceição, seu irmão, Adelino Barbosa da Conceição, e Luís Gonzaga Gomes, primeiro Conservador de Museu Luís de Camões, cargo a que eu lhe viria a suceder nos finais de 1970.

Meu Pai, terminada a licenciatura em Filologia Românica em Lisboa, viria a ser professor e reitor do Liceu Nacional Infante D. Henrique por largos anos.

Frequentei este Liceu por períodos interpolados, não obstante tal a que tenha gratas recordações e a manter amizades com colegas desse tempo de juventude, cúmplices de estórias, que hoje nos fazem sorrir pela sua inocência.

Embora por pouco tempo, fui também professor do Liceu de Macau, guardando desse período de docência boas memórias de alunos meus.

O Liceu de Macau, no seu todo, foi um importante instrumento para o reforço da identidade macaense, na sua matriz lusa, o que, em paralelo ao multiculturalismo das vivências do lugar, lhe permitiu atingir o necessário cosmopolitismo para se afirmar em diferentes paragens e campos de acção ou actividade.



João Botas, jornalista, criador do blogue *Macau Antigo*, autor do livro *Liceu de Macau 1893-1999* e de várias outras obras sobre Macau onde viveu na década de 80

Criado no papel em 1893, o Liceu de Macau - "Lyceu" como se escrevia na época - começou a funcionar no ano seguinte, faz agora 130 anos. A história desta instituição centenária é notável e durou até ao final do século 20. Nesses primeiros anos lectivos destaco os nomes de professores como Manuel da Silva Mendes, Camilo Pessanha, Venceslau de Moraes... Só para mencionar alguns.

Estudei no Liceu na década de 1980 tendo ali concluído - no edifício que existia na Praia Grande e que já foi demolido - o que se denominava ensino secundário. Esses tempos de juventude vividos em Macau foram uma das experiências pessoais mais marcantes a vários níveis. O Liceu tinha como patrono o Infante D. Henrique cujo lema era 'Talent de Bien Faire'. O busto que existia no átrio principal do Liceu está actualmente na Escola Portuguesa de Macau e sempre que regresso a Macau vou vê-lo. O Liceu foi para mim a plataforma onde fiz amizades (e alguns namoricos) que ainda perduram e também o espaço privilegiado de liberdade onde tive a sorte de aprender com muitos e bons professores. Por motivos vários uns marcaram mais do que outros. É normal...

Na disciplina de História fui aluno da Professora Beatriz Basto da Silva, uma jóia de pessoa como gosto de a classificar e que ainda hoje me telefona no dia do meu aniversário! Na altura não sabia mas estava a nascer o meu gosto pela história como anos mais tarde se viria a confirmar com os livros que fui publicando e com o projecto que criei em 2008 na internet, o blogue *Macau Antigo*, de que muito me orgulho e que por esta altura tem perto de 3 milhões de pageviews.

A propósito da Prof. Beatriz, vou revelar um episódio ocorrido por volta de 2005/6. Nas investigações para o livro que estava a escrever sobre o Liceu 'descobri' que havia um hino da instituição. Falei com a Prof. Beatriz que não só me confirmou a existência do dito hino como me disse que o sabia tocar. Passado pouco tempo lá estava eu a caminho de Coimbra (onde ela mora). A viagem foi feita num dia de Inverno horrível em Dezembro. Frio e chuva! Sentada ao piano a Prof. Beatriz tocou o hino que eu gravei e depois pedi ao Senhor Abel Mendes (tinha sido chefe da banda da PSP de Macau) para escrever a partitura. Aos dois estou eternamente grato pelo gesto. Julgo que terá sido a primeira vez que a letra e música do hino foram publicados em livro.

Recordo-me também do Professor Cordeiro, de Educação Física. Muito carismático incutiu-me o gosto pela prática desportiva (que ainda perdura) e considere-o sempre um bom companheiro,

incluindo nas lides da bola e da bolinha (quem esteve em Macau sabe ao que me refiro) quando representei as cores do Liceu. Que orgulho foi conquistar o troféu no Campo Desportivo do Canídromo (salvo erro) de campeão do Campeonato Escolar de Macau.

Ocorre-me ainda o nome da professora Elisa Antunes, de Português. Que mestria e paciência para 'analisar' os meus primeiros poemas. Ainda ganhei uns prémios em concursos ao nível do liceu.

Foi também enquanto estudava no liceu que tive uma disciplina denominada jornalismo. Até então tencionava prosseguir os estudos superiores em Direito mas mudei de ideias. E de um momento para o outro estava a 'trabalhar' na TDM-Rádio Macau onde fiquei com a paixão pela rádio e pela comunicação social, área que viria a seguir tirando o curso superior em Portugal tendo para isso abandonado Macau com muita mágoa.

Por último refiro que no Facebook criei há uns anos um grupo denominado "Antigos Alunos do Liceu de Macau" e que já tem mais de 1500 membros espalhados um pouco por todo o mundo. Para além do convívio virtual, temos feito alguns almoços onde a faceta da solidariedade está sempre presente. Mais uma marca que ficou dos tempos do Liceu de Macau na década de 1980...

PS: Com o livro "Liceu de Macau 1893-1999" estreei-me nas lides da escrita sobre a História de Macau em 2007. Desde então já escrevi outros. Uma meia dúzia. Já me ia esquecendo que foi também no liceu que fiz parte - eleito pelos colegas - da Associação de Estudantes e da Comissão de Finalistas. Mas isso fica para outras memórias.



Os livros infantojuvenis da Biblioteca Digital da FJA

Como tem vindo a ser anunciado, estão já disponíveis na Biblioteca Digital da FJA três livros das reputadas escritoras de livros infantojuvenis Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Trata-se da ***Missão Impossível***, do ***Navio Mistério – A Nau do Trato*** e do ***Encontros na Cidade Proibida***.

Qualquer das edições encontra-se em versão e-book, e pode ser descarregada em PDF, EPUB ou MOBI.

Para além de emocionantes aventuras dos respetivos personagens cada edição integra um conjunto de relevante informação histórica.



Partindo de uma garrafa de porcelana azul e branca da China encomendada por Jorge Álvares em 1552, de que a Fundação é proprietária e pode ser vista no Museu do Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa, as autoras desenvolvem no livro *Missão Impossível* uma aventura em que ressalta a vida de Jorge Álvares no Oriente naquela época.

Para além da vida de Jorge Álvares e dos seus amigos – Fernão Mendes Pinto, S. Francisco Xavier e Diogo Pereira – a informação histórica da edição inclui também a porcelana da China, e especificamente a garrafa dita de Jorge Álvares, e os “amigos míticos chineses” o Dragão, a Fénix, a Tartaruga e o Ch’i lin.

O *Navio Mistério – A Nau do Trato* é por seu lado uma ficção histórica centrada nas extraordinárias viagens anuais realizadas pelos portugueses entre Macau e o Japão, nos séculos XVI e XVII, a bordo do enorme navio que passou à História com a designação de Nau do Trato ou Navio Negro e figura como tema central dos magníficos biombos Namban.



A informação histórica inclui a viagem de Vasco da Gama à Índia, e a posterior continuação até Malaca, Macau (China) e Japão, com a respetiva cronologia. Inclui ainda, entre outras, informação sobre a China e o seu governo de imperadores e mandarins, os portugueses na China, histórias e lendas sobre a fundação de Macau, os chineses e portugueses em Macau, a Porta do Cerco, a vida dos portugueses em Macau, a feira de Cantão, o espalhar do cristianismo, missionários no Oriente, o Japão - quem o governava, os portugueses no Japão, negócios entre o Japão e a China, as rotas portuguesas para o Oriente e a carreira do Japão – e o Navio Negro - quem ia a bordo e os portugueses na arte no Japão.

* Uma excelente maquete animada do “Navio Negro” encontra-se patente no Museu do Centro Científico e Cultural de Macau.



A narrativa de *Encontros na Cidade Proibida* centra-se na histórica personagem do padre jesuíta português Tomás Pereira, que, entre 1673 e 1708, viveu em Pequim e adotou o nome chinês Xu Risheng, tendo sido músico, astrónomo, geógrafo, tecnólogo, tradutor e conselheiro diplomático do Imperador da China, Kangxi, com quem manteve uma relação muito próxima, a qual transcendeu um mero relacionamento formal e diplomático.

A informação histórica, para além de vários aspetos da vida e obra de Tomás Pereira na China, inclui a China Imperial, o Imperador Kangxi, as Religiões na China, a Cidade Proibida, Notícias da China, Portugueses na China, Missões Religiosas no Oriente, Pioneiros Jesuítas em Pequim, a Missão dos Jesuítas na China, e como era a Residência dos Jesuítas em Pequim.

<https://www.fundacaojorgealvares-bibliotecadigital.com/>



Os apoios da FJA a duas relevantes edições da ORIK – Associação de Defesa do Património de Ourique



*

O Sonho de voar, **de Joaquim Falcão de Lima**

No ano em que se comemora o centenário da primeira travessia aérea Portugal-Macau, a FJA associa-se á edição *O Sonho de Voar – A voar nas memórias de uma viagem pioneira*, da autoria de Joaquim Falcão de Lima, sobre a proeza efetuada por Brito Pais, capitão, Sarmento de Beires, tenente, e Manuel Gouveia, mecânico, entre abril e junho de 1924.

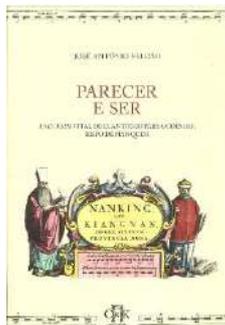
Conseguida através de uma inesquecível e rara mobilização pública de fundos, a travessia de mais de 17.000 quilómetros foi efetuada a bordo do avião *Pátria*, um biplano Breguet 16, substituído por um segundo avião – o *Pátria II* – após um acidente ocorrido na Índia.

Nas palavras do autor *“Para além da memória de um feito épico de três aeronautas, este empreendimento, como Brito Pais lhe chamou, é também testemunho de inovação, ambição, persistência e criatividade de uma equipa coesa consistente e muito resiliente que, a par de uma liderança mobilizadora, conseguiu ultrapassar os vários e complexos obstáculos que se interpuseram ao longo desta épica e pioneira viagem.”*

Joaquim Falcão de Lima é licenciado em economia pela Universidade Católica Portuguesa, tendo-se desde sempre dedicado a temas de história, sobretudo história de família e genealogia. É autor de *“Gente de entre Searas e Montados”*, um livro sobre famílias do Alentejo e tem vindo a publicar artigos de genealogia e heráldica. Atualmente tem investigado sobre a história da aeronáutica portuguesa, o que deu origem a este seu novo livro. No seu percurso profissional, entre muitas outras funções, foi professor do ensino secundário e jornalista de economia da RTP.

A obra vai ser apresentada ao público no dia 13 de setembro, pelas 18h30, no Museu do Ar, em Sintra.

* Imagem não corresponde à capa da edição, ainda não conhecida à data do lançamento da newsletter, a qual, para além dos três protagonistas do voo, inclui o aviador Gago Coutinho.



Parecer e Ser – Excursus Vital de D. António Paes Godinho, Bispo de Naquim, de José António Falcão

Pelo elevado interesse histórico e pela singularidade da situação, a FJA apoiou a edição *Parecer e Ser – Excursus Vital de D. António Paes Godinho, Bispo de Naquim*, da autoria de José António Falcão.

D. António Paes Godinho, bispo da Diocese de Nanquim, na China continental, foi um dos mais destacados vultos da Igreja Portuguesa no reinado de D. João V.

Nasceu em Garvão, concelho de Ourique, em 1668, sendo filho de dois lavradores locais, Estêvão Guizado e Isabel Velho, gente da governança desta vila. Sendo ainda bastante jovem, fixou residência em Alvito, na companhia de um tio, decerto eclesiástico, e optou por seguir a carreira religiosa, como padre da Arquidiocese de Beja, que abrangia, à data, também o território do Baixo Alentejo.

Tendo-se formado com distinção na Universidade de Évora, tomou ordens sacras e exerceu o mester de pároco, primeiro em Alvito, depois em Viana do Alentejo, terra a que ficou umbilicalmente ligado e que adotou como sua. Exerceu também o cargo de confessor das freiras do Mosteiro de Jesus.

Chamado a desempenhar funções jurídicas na Arquidiocese de Évora, foi enviado para Coimbra, com o propósito de realizar o doutoramento em Direito Canónico, na respectiva faculdade. Conviveu aqui, de perto, com algumas das principais figuras do seu tempo, entre eles Fr. Gaspar da Encarnação, futuro ministro de D. João V, que teve grande peso religioso e político na época.

O facto de sobressair pela capacidade intelectual, pela qualidade humana e pelos dotes como pastor de almas levou o Governo a escolhê-lo para bispo de Nanquim. Homem modesto, Paes Godinho já recusara outros cargos e quis resistir a esta nomeação, mas a obediência à vontade do rei acabou por impor-se. Recebeu a sagração episcopal em 1718 e preparou-se para viajar para a China.

Esta escolha de D. João V, embora bem acolhida pelo Vaticano, coincidiu com uma crise nas relações diplomáticas entre Portugal e a Santa Sé, pelo que D. António Paes Godinho esteve pronto, com a sua comitiva, para viajar para a China nada menos do que sete vezes, mas nunca foi autorizado a embarcar.

Acabou por renunciar à sua diocese e fixou residência em Viana do Alentejo.

O Governo português chamou-o então para exercer as funções de provisor – na prática, as de arcebispo interino – da Arquidiocese de Lisboa Oriental, passando a residir na Corte, onde gozou de extensa influência, e chegando a pertencer ao Conselho do Rei. Nunca perder (perdeu) as suas qualidades inatas de modéstia e disponibilidade.

Em 1730, foi um dos poucos bispos escolhidos para a cerimónia de sagração da Basílica do Convento de Mafra, o mais importante acontecimento político-religioso do reinado de D. João V, o que é bem expressivo.

Nesse mesmo ano, invocando motivos de saúde, resignou aos lugares que ocupava em Lisboa e veio fixar residência em Santiago do Cacém. A presença de um príncipe da Igreja deu prestígio à terra. O prelado participou activamente na vida local e ficou célebre entre os santiaguenses pela sua intervenção em momentos culminantes da vida colectiva, como as sagrações de sinos ou as principais procissões cívicas. D. António vivia numa casa na rua que tomou, por isso, o nome de Rua do Bispo, onde estabeleceu um seminário frequentado por seminaristas vindos da China, mas adquiriu uma propriedade, nos arredores, a Quinta dos Olhos Belidos, que é uma referência do paisagismo português.

D. António Paes Godinho regressou, já muito idoso, a Viana do Alentejo, habitando numa casa senhorial, onde morreu, com fama de santidade, em 1752, e jaz sepultado no centro da capela-mor da igreja matriz, num túmulo com as suas armas. Era a personalidade mais destacada da vila, no seu tempo, e deixou marcas profundas.

A carreira eclesiástica do bispo Paes Godinho alcançou-o aos mais elevados postos, tanto no Oriente como na Metrópole, enquanto D. João V foi vivo. Investigações recentes têm colocado em destaque o seu papel na vida religiosa, política e social do tempo em que viveu, mas permitiram compreender também, com novos olhos, a sua profunda ligação ao Alentejo e o papel de liderança espiritual que inegavelmente exerceu em sectores-chave da sociedade portuguesa no segundo quartel do século XVIII.

José António Falcão é historiador de arte, museólogo e professor universitário, especialista no âmbito da arte e da arquitectura religiosa, que tem dedicado grande parte da sua vida ao estudo e salvaguarda do património cultural do Alentejo. É membro da Academia Nacional de Belas Artes, da Academia Portuguesa de História e fundou, em 2016, o Centro Unesco de Arquitectura e Arte Religiosas.

OPINIÃO



Liceu de Macau, 130 anos depois

António Aresta, mestre em filosofia pela Universidade do Porto, professor em Portugal, Macau e Moçambique e investigador da história cultural de Macau, com extensa obra publicada, designadamente sobre o Liceu de Macau; colaborador assíduo da imprensa portuguesa de Macau e de publicações culturais em Portugal; Prémio de Ensaio da Lusofonia (Clube Português de Imprensa e Jornal Tribuna de Macau, 2018) e Prémio Identidade (Instituto Internacional de Macau, 2022).

Na pequena urbe macaense, de raiz portuguesa, estavam incrustados três estabelecimentos de ensino muito diferenciados entre si, que prestaram assinaláveis serviços à educação, à ciência, à música, à cultura e aos desportos: o Seminário de S. José [fundado em 1728], a Escola Comercial Pedro Nolasco [fundada em 1878] e o Liceu de Macau [fundado em 1893]. Aparte as naturais rivalidades, o intercâmbio de alunos e a mobilidade dos professores, estas três instituições ajudaram a vincar uma imagem global muito lusitana e cosmopolita, numa terra que vivia de equilíbrios e de compromissos. Esse espírito latino e ocidental, livre e indisciplinado, tolerante e católico, é uma das matrizes das quais Macau mais se orgulha, e que ainda hoje procura preservar. O papel das instituições educativas tem esse peso invisível que é dar uma força ôntica ao desenho das comunidades.

O Rei D. Carlos assina a Carta de Lei da criação do Liceu Nacional de Macau, em 27 de Julho de 1893, através do Ministério dos Negócios da Marinha e Ultramar. Era o culminar de um longo processo reivindicativo da sociedade civil junto dos sucessivos governadores, do Leal Senado e do poder político na capital do Reino.

O governador José Horta e Costa faz publicar o Regulamento do Liceu Nacional de Macau, no “Boletim Oficial do Governo da Província de Macau e Timor”, de 16 de Agosto de 1894, determinando que a inauguração tivesse lugar no dia 28 de Setembro desse mesmo ano, sem solenidade porque a Família Real estava de luto.

O corpo docente era o seguinte: bacharel Horácio Afonso da Silva Poiares; engenheiro civil Mateus António de Lima; bacharel Camilo de Almeida Pessanha; cónego Baltasar Estrócio Faleiro ; tesoureiro geral João Albino Ribeiro Cabral ; capitão de fragata Wenceslau José de Sousa Moraes ; coronel médico José Gomes da Silva ; major de engenharia Augusto César de Abreu Nunes ; bacharel João Pereira Vasco. Para Reitor, foi escolhido José Gomes da Silva, “chefe do serviço de saúde desta província”. Como curiosidade, refira-se que nenhuma destas personalidades tinha preparação ou formação para o ensino. Unia-os este preceito vinculativo, inscrito no Regulamento do Liceu Nacional de Macau: “promover os progressos literários e a educação moral dos alunos, mantendo rigorosa disciplina nas aulas” [XIII. Art. 65. 2º].

Três funcionários asseguravam o funcionamento da instituição: Damião Maximiano Rodrigues [guarda da Biblioteca], Francisco Xavier Brandão [porteiro] e Clementino José Borges [contínuo].

Os 30 primeiros alunos que entraram no Liceu, no dia 28 de Setembro de 1894, foram estes cujos nomes se apontam : António Bomfilho da Luz, António Francisco Franco, António Joaquim Basto, Artur Tamagnini de Sousa Barbosa, Augusto Óscar Marques Jr., Damião Rodrigues, Daniel Maria Freire Corte Real, Eduardo Valério Maria de Sousa, Fortunato Maria Marçal, Francisco Bernardino Xavier, Francisco Xavier Benevides Gonçalves, Francisco Xavier Pereira, João Tamagnini de Sousa Barbosa, Joaquim Augusto Pacheco, Joaquim Fausto das Chagas, Joaquim Francisco Xavier Gomes, José Augusto Maria Guterres, José Maria Espírito Santo de Sena, José Nolasco da Silva, Jovita Júlio Dias Azedo, Luís António Franco, Luiz Gonzaga Nolasco da Silva, Luís João da Silva, Pedro Nolasco da Silva Jr., Veríssimo Cláudio Gonçalves, Vicente Agostinho Gonçalves, Adozinda Chaves da Silva, Fábica Carolina da Costa Andrade, Laura Nolasco da Silva e Sara Carolina da Encarnação.

Durante um escasso mês, entre Julho e Agosto de 1937, o Liceu teve como patrono Luís de Camões. Logo de seguida recebeu o Infante D. Henrique como patrono até ao seu encerramento em 1998.

O Liceu foi instalado no velhíssimo edifício do antigo convento de Santo Agostinho, que acabou por ruir sem fazer vítimas mortais. Passou depois para um incharacterístico casarão na Praia Grande, seguindo-se o Hotel Bela Vista, o icónico edifício no Tap Seac e o novo edifício na Av^a. Infante D. Henrique, construído de raiz, durante o Estado Novo, sob o risco do arquitecto Lucindo Cruz. Finalmente, o último edifício desenhado pelo arquitecto Tomás Taveira, nos aterros do Porto Exterior e inaugurado em 1986, sob o paradigma de Complexo Escolar de Macau, albergando três instituições [Escola Secundária Infante D. Henrique, Escola Preparatória Dr. José Gomes da Silva, Escola Secundária Luso-Chinesa de Luís Gonzaga Gomes], numa antecipação histórica dos actuais Agrupamentos Escolares.

A história do Liceu de Macau, que seguia a política educativa e as orientações pedagógicas portuguesas, incluindo a sincronia horária nos exames nacionais, foi sempre atribulada e muito complexa, desde logo a falta de alunos, os conflitos institucionais, as querelas pessoais e as intrigas alimentadas pela imprensa local.

Entre os Reitores, destaco as figuras de José Gomes da Silva [1894-1898, 1898-1899, 1900-1903], Manuel da Silva Mendes [1904-1907 e 1909-1914], Mateus António de Lima [1914-1919], Carlos Borges Delgado [1920-1929] e Artur de Almeida Carneiro [1941-1945], personalidades com um grande nível intelectual e cívico, que guindaram o Liceu a um patamar de excelência, abrindo a Escola à cidade : récitas, canto, bailes, actividades desportivas, concertos, exposições de arte, apresentação de livros e de revistas, peças de teatro, sem esquecer alguma malandrice estudantil que apimentava o quotidiano e que poderia caber no *In Illo Tempore*, de Trindade Coelho. Dos Reitores da fase final do Liceu, ainda estão entre nós João Bosco Basto da Silva, António Caetano Ramos e Maria Manuela Frias dos Santos.

Passaram pelo Liceu professores de elevada craveira científica e pedagógica, por exemplo, José Caetano Soares, José da Costa Nunes, Hugo Castelo Branco, Telo de Azevedo Gomes, Fernando Lara Reis, António Nascimento Leitão, José Morais Palha, Luís Gonzaga Gomes, Júlio Massa, Benjamim Videira Pires, Fernando Leal Maciel, Manuel Teixeira, Ana Maria Amaro, Isabel Tiago, Graciete Batalha, Henrique de Senna Fernandes, Beatriz Basto da Silva, Elisa Antunes, Maria Edith Silva, Anabela Ritchie, António Andrade, Celina Veiga de Oliveira, Luís Gonçalves ou Dino Parra.

Nesta plêiade cabem ainda dois nomes singulares: José Joaquim Monteiro [1913-1988], conhecido como “contínuo poeta”, que trabalhou no Liceu entre 1954 e 1972, revelando-se um poeta de alto merecimento, com uma importante obra publicada; José dos Santos Ferreira, conhecido por Adé [1919-1993], que foi chefe da Secretaria do Liceu, entre 1956 e 1964, a quem se deve o renascimento do ‘patois’ e poeta com uma extensa obra editada.

O Seminário começou a definhar a partir dos motins de 1966, encerrando pouco tempo depois. A Escola Comercial Pedro Nolasco e o Liceu Nacional Infante D. Henrique fecharam as portas em 1998, nascendo então a Escola Portuguesa de Macau com essa dupla herança histórica.

O que se pode ler sobre o Liceu de Macau?: Monsenhor Manuel Teixeira, *Liceu de Macau*, 3ª ed., 1986; António Aresta e Aureliano Barata, *Liceu de Macau – Genealogia de uma Escola*, 1996; João Botas, *Liceu de Macau*, 2007; António Aresta, *Seis Reitores do Liceu de Macau*, 2021 [no último capítulo deste livro encontra-se a mais completa bibliografia sobre o Liceu de Macau].

130 anos depois, fica o desafio para se estudar mais e melhor a história e o legado do Liceu de Macau.

IMPrensa



[PRIMEIRO FUNDO PÚBLICO DE MACAU QUER “POTENCIALIZAR” A PATACA](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[PERSONALIDADES DE MACAU APLAUDEM NOVA MEDIDA DE FACILITAÇÃO DE ENTRADA DE ESTRANGEIROS NO CONTINENTE](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[ONU ADOPTA RESOLUÇÃO DA CHINA PARA PROMOVER ACESSO IGUAL À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[SEIS NOVOS PROJECTOS PRETENDEM TRANSFORMAR CENTRO DA VILA DA TAIPA NUM ‘HUB’ TURÍSTICO ATÉ 2025](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[“A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE MACAU É UM BOM EXEMPLO DA COEXISTÊNCIA PACÍFICA E HARMONIOSA ENTRE AS COMUNIDADES”](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[LISBOA | MAHJONG ENSINA-SE NA CASA DE MACAU](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[CIRCUITO ASIÁTICO EM LISBOA COMPREENDE 14 MUSEUS E 4 OUTRAS ENTIDADES](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[PCC | PEQUIM QUER MACAU COMO HUB INTERNACIONAL DE TALENTOS](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[RODRIGO BRUM, EX-SECRETÁRIO-GERAL-ADJUNTO DO FÓRUM MACAU: “GRANDE BAÍA É DA MÁXIMA IMPORTÂNCIA”](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[CENTRO HISTÓRICO | ESTUDO SUGERE ZONA A COMO ALTERNATIVA DE HABITAÇÃO](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[SÃO DOMINGOS E SÃO LOURENÇO CELEBRADOS A 8 E 10 DE AGOSTO, RESPECTIVAMENTE](#)

Fonte: Jornal O Clarim



[PAPA RENOVA DESEJO DE VISITAR A CHINA](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[CANDIDATOS AO CARGO DE CHEFE DO EXECUTIVO TÊM ATÉ 12 DE SETEMBRO PARA APRESENTAR CANDIDATURAS](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[UM CONTRIBUTO POSITIVO PARA A APRENDIZAGEM E DIVULGAÇÃO DO PATUÁ](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[INQUÉRITO | DIÁSPORA MACAENSE E LUSO-ASIÁTICA MANTÉM-SE “ROBUSTA”](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[CORO PAPIAÇAM LEVA A PORTUGAL “LISBOA ANTIGA” EM PATUÁ](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[HO IAT SENG NÃO SE RECANDIDATA AO SEGUNDO MANDATO](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[DST LANÇA CAMPANHA INÉDITA DE 26,9 MILHÕES DE PATACAS PARA ATRAIR MAIS VISITANTES INTERNACIONAIS](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[CHEFE DO EXECUTIVO | SAM HOU FAI APRESENTA HOJE CANDIDATURA](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[HISTÓRIA | CENTENÁRIO DA VIAGEM DO “PÁTRIA” ORIGINAL PODCAST](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[CESÁRIO SUBLINHA IMPORTÂNCIA DOS PORTUGUESES QUE ESTÃO EM MACAU E EXIGE MUDANÇAS AO CÔNSUL](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[RESOLVER “PROBLEMAS E DESAFIOS” COM REFORMAS E INOVAÇÃO](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[PORTUGAL | CESÁRIO ADMITE FALHAS NAS RELAÇÕES COM LUSO-DESCENDENTES](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[CANDIDATURA DE SAM HOU FAI PARECE MARCAR “UMA NOVA ORIENTAÇÃO NA GESTÃO DE MACAU”](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau

Fundação Jorge Álvares

Rua Castilho, 39 (Edif. Castil) - 11º Andar - Letra I, 1250-068 Lisboa

Portugal

Está a receber este email porque faz parte dos nossos contactos

[Cancelar subscrição](#)